



**APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO EMPREGADO
POR PIERRE BOURDIEU NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E A SUA REPERCUSSÃO NO ÂMBITO JURÍDICO**

NOTES ON THE METHOD EMPLOYED BY
PIERRE BOURDIEU OVER THE WHOLE RANGE OF SOCIAL SCIENCES
AND ITS EFFECT WITHIN THE JURIDICAL (LAW) EXTENT

Katya Kozick

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Paraná (1986) e graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade Católica de Administração e Economia (1988). Mestrado em Filosofia e Teoria do Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e doutorado em Direito, Política e Sociedade pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Visiting Researcher Associate no Centre for the Study of Democracy, University of Westminster, Londres, 1998-1999. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e professora adjunta da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos e democracia, justiça de transição, filosofia do direito, filosofia política e hermenêutica jurídica. Integrou o Comitê de Avaliação da área de Direito da CAPES (triênio 2008-10). É pesquisadora (bolsista de produtividade em pesquisa) do CNPq, nível 2. E-mail: kkozicki@uol.com.br

Sérgio Reis Coelho

Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Piauí desde 2002. É graduado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É Especialista em Direito Penal e Criminologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Direito Penal Econômico e Europeu pela Universidade de Coimbra - Portugal (FDUC) e em Direitos Humanos pelo Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH) - Costa Rica. É Mestre e Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atualmente desenvolve Tese de Doutorado em Direito sobre a Justiça de Transição no Brasil. E-mail: coelhosz@gmail.com

Paula Josiane Almeida

Possui Graduação em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória PR - FAFI (2006), Especialização em Metodologia da Ação Docente pela Fundação Municipal Centro Universitário de União da Vitória - UNIUV (2007). Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná -

PUCPR. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Educação a Distância. Foi Tutora a Distância do Curso de Pedagogia no Núcleo de Tecnologias para Educação - UemaNet. E-mail: paula.monitoria@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por proposta refletir sobre o método empregado por Pierre Bourdieu no âmbito das ciências sociais e a sua repercussão no âmbito jurídico. Parte-se do princípio de que este autor criou conceitos que modificaram, profundamente, o pensar e agir sociológico, dando nova leitura à corrente em que estava inserido, o estruturalismo. Defende-se que Bourdieu utilizou em suas obras o método hipotético-dedutivo, pois após desenvolver suas categorias de pensamento (*habitus*, campos, capital, etc.) criava uma hipótese e a colocava à prova, à experimentação, unindo teoria e prática. Como método de procedimento, fez uso do etnográfico, bem como utilizou, abundantemente, o levantamento de dados e as entrevistas como técnicas de pesquisa. Conclui-se que a contribuição de Bourdieu e de seu método de pesquisa abriu novos caminhos no desenvolvimento das ciências sociais, impactando o direito.

Palavras-Chave: Bourdieu, Método, Ciências Sociais

Abstract

The presente article proposes a reflection about the method employed by Pierre Bourdieu over the whole range of social sciences and its effect within the juridical (law) extent. We start out by the principle that this author pioneered concepts that made deep changes in the sociological thinking and acting, bringing out a new reading on the intellectual movement to which he was engaged, the structuralism. We argue that Bourdieu employed the hypothetic-deductive method to his works, whereas after developing his thinking categories (*habitus*, field, capital, etc.) he created hypothesis and submitted them to proof, to experiment, joining theory and practice. As a procedure method, he made use of the ethnography, as well as largely utilized a gathering of data and inquires (interviews) as research techniques. We conclude that both Bourdieu and his research method contribution opened up new paths on the development of the social sciences, even echoing in the law bounds.

Keywords: Bourdieu, Method, Social Science

INTRODUÇÃO

Tido como um importante pensador das ciências sociais no século XX, Pierre Bourdieu formulou e inseriu novos conceitos que fomentaram uma nova forma de abordagem e compreensão social. A sua contribuição é preciosa, abordando uma

temática variada ao realizar estudos em diversos campos, tais como, educação, cultura, arte, história, lingüística, dentre outros.

Se outros pensadores, a exemplo de Niklas Luhmann¹, propuseram um modelo de sociologia onde o seu pressuposto era desconsiderar os seres humanos como pertencentes ao sistema social e, assim, tentar explicar o funcionamento da sociedade com base nas teorias sistêmicas e partindo da concepção de complexidade social, Bourdieu, ao contrário, entendia que não fazia sentido tal opção metodológica, pois a sociologia tinha por tarefa restituir aos homens e mulheres o sentido de suas ações, sendo um instrumento de libertação e conquista.

A Sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se ela tivesse por fim apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com homens e mulheres mesmo quando aqueles homens e mulheres, à maneira de marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não tiver como tarefa restituir a esses homens e mulheres o sentido de suas ações. (BOURDIEU, 2006, p.92)

Em Bourdieu a sociologia aparece como um “esporte de combate”², ou seja, como uma ciência que deve trabalhar a serviço da coletividade, esclarecendo o porque, o como, e, sobretudo, as conseqüências dos atos que são realizados pelas forças antagônicas no campo social.

Esta postura levou a que suas pesquisas fossem, antes de tudo, resultado da junção de um intenso trabalho teórico com extensas pesquisas de campo, forçando-o a muito refletir sobre qual o papel que era destinado a sociologia e como desenvolver, adequadamente, a sua teoria e prática.

A teoria sociológica de Bourdieu buscou desvendar os mecanismos de reprodução que legitimam as diversas formas de dominação, sendo este o tema principal que perpassa todas as suas análises e para o qual desenvolveu categorias próprias. Ele tentou demonstrar quão sutis são os mecanismos de dominação e, para essa tarefa, se apropriou e deu nova roupagem a conceitos recebidos de autores como Weber, Durkheim, Bacharelard e Marx, os quais exerceram grande influência sobre o seu pensamento (ORTIZ, 1983). De Marx, por exemplo, reformulou a noção de capital, a qual deixa de refletir, tão somente, o aspecto econômico, como ocorria no marxismo, passando a ter na obra bourdieusiana um caráter polissêmico.

¹ Niklas Luhmann (Lüneburg, 8 de dezembro de 1927 - Oerlinghausen, 6 de novembro de 1998) foi um sociólogo alemão adepto da teoria sistêmica e que propôs a sua utilização na explicação do fenômeno jurídico. Escreveu uma vasta obra, na qual defende o caráter autopoiético do direito como forma de fazer frente a complexidade social.

² Bourdieu que sempre foi tido como um intelectual moderado exerceu, no final de sua vida, intensa militância política, o que o levou a participar dos grandes embates que transcorreram na França do final dos anos 90. Pierre Carles, cineasta francês, realizou um documentário sobre a vida de Bourdieu e sua obra, o qual intitulou *La sociologie est un Sport de combat*.

Bourdieu inovou não apenas realizando descobertas importantes, mas, sobretudo, transformando mentalidades. Segundo Wacquant³ (2002, p.95):

Os maiores pensadores de qualquer época são aqueles que não apenas “fazem descobertas” importantes – essa é a tarefa de qualquer cientista, como, aliás, afirmou Émile Durkheim –, mas também são aqueles que causam naqueles à sua volta uma mudança no modo de pensar, indagar e escrever. Pierre Bourdieu pertence a essa categoria, pois ele alterou para sempre a maneira como os estudiosos da sociedade, da cultura e da história em todo mundo, de Tóquio a Tijuana e a Tel Aviv, concebem e exercem seus ofícios.

É nesse contexto em que se insere este artigo, o qual tem por proposta justamente entender a aplicação do método de análise bourdieusiano nas ciências sociais, para isso, é necessário perceber o que significa “método” em Pierre Bourdieu, quais suas teorias e categorias analíticas e de que forma ocorre sua aplicação, possibilitando ao estudioso a compreensão de seu contributo teórico.

DA INFÂNCIA EM BÉARN À MILITÂNCIA POLÍTICA EM PARIS

Pierre Bourdieu nasceu em 1930 em Denguim, província de Béarn, no sudoeste da França. Uma região tranqüila onde, geográfica e linguisticamente, como informa Wacquant (2002), a língua nativa era a occitânica⁴, predominando uma vida bucólica e pastoril. Os primeiros estudos ocorreram nesta região, sendo que o jovem Bourdieu mudou-se para Pau, no sul da França, para freqüentar o liceu daquela cidade.

Bourdieu viveu em Pau de 1941-1947, tendo sido, curiosamente, um aluno indisciplinado, recebendo mais de 300 suspensões e reprimendas ao longo desse período, pois não aceitava os padrões de ensino que eram propostos. Ao mesmo tempo se distinguia como um bom jogador de rúgbi e pelota basca, o que lhe valeu uma bolsa de estudos e o ingresso no liceu *Louis-Le-Grand*, em Paris, indo viver nesta cidade.

Um ponto a se destacar, que tem pertinência com o período mencionado, é que durante a segunda guerra mundial Bourdieu estava internado no liceu em Pau, mas tal fato não teve nenhuma repercussão ulterior em sua obra, não havendo nenhuma reflexão sobre a segunda grande guerra em seus livros e artigos.

Terminados os estudos no liceu parisiense, ingressou na prestigiosa *École Normale Supérieure* para cursar filosofia, formando-se em 1954. Sobre a escolha da filosofia, eis uma passagem do esboço de auto-análise, livro em que Bourdieu emprega seu método para analisar sua própria obra:

³ Löïc Wacquant, sociólogo francês, professor em Berkeley (EUA) é um dos grandes conhecedores da obra de Pierre Bourdieu, tendo escritos artigos em parceria com este, bem como artigos sobre a vida e obra de Bourdieu.

⁴ A língua occitânica língua occitana, também chamada occitânica, langue d'oc, occitano ou provençal, é uma língua românica falada ao sul da França (ao sul do rio Loire), assim como em alguns vales alpinos na Itália e no Val d'Aran, na Espanha.

Não posso retomar aqui toda a maquinaria do processo de consagração que, desde o concurso de admissão à classe preparatória até o concurso de ingresso na Escola Normal, conduz os eleitos (em especial, os oblatos miraculosos) a eleger a escola que os elegeu, a reconhecer os critérios de eleição que os constituíram elite; bem como, na seqüência, a orientá-los, sem dúvida com tanto mais empenho quanto maior o grau de louvação, em direção à disciplina – rainha. Alguém se tornava “filósofo” pelo fato de haver consagrado, e a pessoa consagrava-se ao garantir para si o estatuto prestigioso de “filósofo”. Logo, a escolha da filosofia manifestava a segurança estatutária que vinha reforçar a segurança (ou a arrogância) estatutária. Isso ocorria tanto mais assim num tempo em que o campo intelectual inteiro era dominado pela figura de Jean-Paul Sartre e no qual os khâgnes, sobretudo com Jean Beaufret, destinatário da Carta sobre o humanismo, de Heidegger, e o próprio concurso de ingresso na escola Normal com a banca composta em certo momento de Maurice Merleau-Ponty e Vladimir Jankélévitch, eram ou podiam parecer os pináculos da vida intelectual. (BOURDIEU, 2005, p.41)

Sobre esse período da vida de Bourdieu, ressalta Wacquant (2002, p. 97)

Bourdieu logo ingressou na École Normale Supérieure, onde, como seu sucesso exigia, assumiu a rainha das disciplinas, a Filosofia. Mas, em reação à moda da época, dominada pelo existencialismo sartriano que marcava amplamente a educação e a vida intelectual, ele mergulhou no estudo da lógica e da história da ciência graças à influência de Alexandre Koyré, Jules Vuillemin, Eric Weil (cujo famoso seminário sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel ele seguiu), Martial Guéroult (um grande especialista em Leibniz sob cuja orientação ele escreveu um trabalho sobre as *Animadversiones*), Gaston Bachelard e Georges Canguilhem (que também haviam orientado Michel Foucault alguns anos antes).

Em 1955 foi convocado pelo exército francês, mas em virtude de sua rebeldia e descrença com o serviço militar acabou sendo enviado para a Argélia, para servir em um regimento da aeronáutica responsável pela guarda e vigilância de explosivos, nas proximidades de Orléansville.

Esse momento foi crucial para a sua formação intelectual, pois o contato com a sociedade argelina, seus costumes, seu modo de vida totalmente oposto ao europeu – enfim, um novo mundo que lhe era descortinado – promoveu a sua migração da filosofia para a antropologia e, depois, para a sociologia.

Esse fascínio pela sociedade argelina fez com que Bourdieu, mesmo já tendo cumprido seu serviço militar, permanecesse em Argel de 1958 a 1960, como assistente na faculdade de letras de Argel e pudesse prosseguir em suas pesquisas etnológicas e sociológicas. Sobre esse período em Argel, pode-se ilustrar com a seguinte passagem de Bourdieu (2005, p.76):

Ao longo dos anos passados na Argélia, posso dizer que nunca deixei de estar, por assim dizer, em trabalho de campo, fazendo observações mais ou menos sistemáticas (por exemplo, coligira desse modo centenas de descrições de conjuntos de vestimentas no intuito de relacionar as diferentes combinações possíveis de elementos tomados de empréstimo à indumentária européia e às distintas variantes do vestuário tradicional, fez, turbante, sarouel etc., com as características sociais de seus portadores), tirando fotografias, realizando gravações de conversas em lugares públicos (em dado momento, tive a intenção de estudar as condições da passagem de uma língua para outra, chegando a dar continuidade á experiência no Béarn, pois era mais fácil para mim), entrevistando informantes, fazendo sondagens por questionário, consultando arquivos (passei noites inteiras copiando pesquisas sobre habitat, enfurnado, após o toque de recolher, na adega do escritório HLM), administrando testes nas escolas, animando discussões nos centros sociais etc.

Na Argélia, Bourdieu realizou registros e fotografias da cultura e práticas locais, bem como publicou seu primeiro livro *Sociologie de l'Algerie* (1957), obra em que fez um estudo histórico, etnológico e sociológico da sociedade argelina e na qual discutiu e antecipou vários problemas vividos por países que, como a Argélia, estavam passando por processos de descolonização.

A década de 60 marca o retorno do sociólogo à França (1961) e seu ingresso na Escola Prática de Altos Estudos (EPHE) em 1964. É esse o ano de lançamento de *Les Héritiers*, escrito em parceria com Jean- Claude Passeron, obra em que discute e analisa o sistema educacional francês. Esse livro obteve maior visibilidade em decorrência das manifestações estudantis, pela reforma do sistema educacional, ocorridas em maio de 1968.⁵

Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 continuou publicando sobre os mais diversos temas, alta costura, arte, gosto, o papel do sociólogo, etc. e desenvolvendo suas categorias de análise e seu método próprio de abordagem sociológica. Também lecionou em importantes universidades espalhadas pelo mundo, proferindo, em 1982, sua aula inaugural no Collège de France, reconhecida universidade francesa, na qual criticou a formação do sociólogo e do saber sociológico, tema para o qual envidou relevantes esforços durante toda a sua vida, pois era um crítico severo dos padrões sociológicos adotados e reproduzidos nas universidades.

Na década de 1990 passou a ser um arauto do movimento contra o neoliberalismo, exercendo forte militância política e tentando aproximá-la da reflexão intelectual. É dessa fase a obra *Contre-feux*, na qual busca municiar os opositores do neoliberalismo com argumentos sensatos e irreprensíveis para enfrentar esta ameaça tão imponente. Nesse livro, o autor analisa as estratégias por detrás do discurso

⁵ O fato histórico denominado maio de 68, refere-se a uma grande onda de protestos que se iniciaram como manifestações estudantis na França reivindicando reformas educacionais. O movimento contestatório cresceu e levou a uma greve geral de trabalhadores que balançou o governo do então presidente Charles De Gaulle, onde houve a participação de mais de 09 milhões de pessoas.

neoliberal, o qual busca, por um jogo de palavras, suavizar a dura realidade de afastamento e derrocada do Estado de bem-estar social, patrocinando uma política de supressão de direitos, de diminuição do Estado, bem como desmobilizando trabalhadores e organizações sindicais em todo o mundo.

Eis um fragmento dessa obra bastante significativo (BOURDIEU, 1999, p. 50):

He mencionado la «globalización»: es un mito en el peor sentido del término, un discurso poderoso, una «idea matriz», una idea que tiene fuerza social, que consigue que se crea en ella. Es el arma principal de las luchas contra las adquisiciones del Estado del bienestar: se dice que los trabajadores europeos deben competir con los trabajadores menos favorecidos del resto del mundo. De esse modo se ofrecen como modelos a los trabajadores europeos países donde el salario mínimo no existe, donde los obreros trabajan doce horas diárias por saláios que oscilam entre una cuarta y una decimoquinta parte de los europeos, donde no existe sindicatos, donde el trabajo infantil es habitual, etcétera. Y en nombre de semejante modelo se impone la flexibilidad, outra palabra clave del liberalismo, o sea, el trabajo nocturno, el trabajo en fines de semana, los horáios de trabajo irregulares y otras lindezas inscritas desde tiempo inmemorial en los sueños patronales. En general, el neoliberalismo recupera, arropadas con un mensaje muy elegante y muy moderno, las más rancias ideas de la más rancia patronal. (En los Estados Unidos hay revistas que publican cuadros de honor de los ejecutivos punteros, clasificados no por su retribuição em dólares, sino por el número de empleados que han tenido el valor de despedir)

A militância política de Bourdieu teve em, 12 de dezembro de 1995, seu ponto culminante quando este se engajou na greve dos ferroviários franceses e na Gare de Lyon, em Paris, proferiu um discurso para milhares de ferroviários atacando o neoliberalismo e saindo em defesa de um Estado social mais igualitário, mais solidário, que respeitasse os direitos dos trabalhadores.

Após este fato, Bourdieu tornou-se um intelectual popular, conhecido em todas as rodas de discussão, participando de várias manifestações por toda a França, de encontros com lideranças populares na periferia de Paris, ocupando, assim, o papel do sociólogo do povo, do intelectual que descia de seu pedestal e sentava-se no mesmo banco do operário, discutindo e questionando o cotidiano político e cultural da França.

Lopes (2008) comentando o que significou a participação de Bourdieu na greve dos ferroviários em Paris:

Nessa ocasião ele fora uma voz isolada a defender os trabalhadores dentre a maioria dos intelectuais de renome, que se conformava com uma modernização inelutável diante do que era visto como um movimento grevista desesperado em defesa do passado. Mas tal visibilidade se deu por ser ele um sociólogo de grande notoriedade científica, produtor de uma obra enorme e inovadora e que havia

galgado os postos mais prestigiosos de professor e pesquisador na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e no *College de France*. Dali até a sua morte, no início de 2002, ocupou a posição de intelectual contestatário com grande presença na vida pública.

Em 2002, aos 71 anos de idade, Pierre Bourdieu, acometido de câncer, morre no hospital Saint - Antoine, em Paris.

O ESTRUTURALISMO E OS CONCEITOS PROPOSTOS POR BOURDIEU

Ao se percorrer as principais correntes da filosofia do século XX (Existencialismo, Positivismo Lógico, Fenomenologia, Estruturalismo, Filosofia Analítica, Filosofia das Ciências etc.) com o intuito de situar o pensamento de Pierre Bourdieu, percebe-se que este autor é um estruturalista, sendo esta a corrente de pensamento que dominava a França na década de 1950.

Eis o que diz Nicola Abbagnano (1998, p.377) em seu *Dicionário de Filosofia* sobre o estruturalismo:

Entende-se por este termo todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de *Estrutura* em um dos sentidos esclarecidos. Esse termo nasceu na Gestalt e na lingüística, em que o E. foi defendido pelos russos R. Jakobson, N. Trubetzkoy e inúmeros outros. Em antropologia, o ponto de vista estrutura.lista foi introduzido por Radcliffe-Brown, no prefácio à obra *African Systems of Kinship and Marriage* (1950), tendo sido difundido na antropologia moderna por Lévi-Strauss (*Anthropologie Structurale*, 1958, espec. cap. XV). Também houve tentativas de estendê-lo a todas as ciências humanas. Em sua exigência mais geral, o E. não só tende a interpretar um campo específico de indagação em termos de sistema, como também a mostrar que os diversos sistemas específicos, verificados em diversos campos (p. ex., antropologia, economia, lingüística), correspondem-se ou têm características análogas. Lévi-Strauss, p. ex., julga possível que uma mesma estrutura possa ser encontrada em três níveis da sociedade: no sentido de que as normas de parentesco e de casamento servem para assegurar a comunicação das mulheres entre os grupos, assim como as normas econômicas servem para assegurar a comunicação dos bens e dos serviços, e as normas lingüísticas, a comunicação das mensagens (*Anthropologie structurale*, cap. III, p. 95).

O estruturalismo de Bourdieu, entretanto, difere do de Lévi-Strauss e de outros estruturalistas, pois apesar de aceitar a existência de estruturas objetivas, que são independentes da vontade e são inconscientes, não as concebe como realidades estáticas; para Bourdieu, os agentes sociais e as relações de força que estes estabelecem entre si condicionam e são condicionadas pelas estruturas que orientam a vida social.

A leitura bourdieusiana parece não aceitar a concepção, tanto difundida no meio intelectual e acadêmico daquela época, de que o estruturalismo proclamou a

morte do homem, pois Bourdieu sai em sua defesa ao afirmar a necessidade de incluí-lo na própria constituição da estrutura e, para isso, formula um conjunto de conceitos que valorizam a participação do agente, do ser humano, dentro das estruturas objetivas que dominam e conduzem a vida social. Como afirma Thiry-Cherques (2006, p.5):

É neste sentido que o estruturalismo de Bourdieu mais se distancia do estruturalismo de Lévi-Strauss. Enquanto este deriva o conceito de estrutura de Saussure e entende a prática social como simples execução, para Bourdieu as disposições, socialmente constituídas que orientam a ação, têm uma capacidade geradora (Bourdieu, 1987:23). Ele considera o sujeito, banido por Lévi-Strauss e por Althusser, tanto como inserido na estrutura quanto como força estruturante de um campo (Bourdieu, 1980:70). A sua concepção de estrutura é dinâmica. É a de um conjunto de relações históricas, produto e produtora de ações, que é condicionada e é condicionante. Deriva da dupla imbricação entre as “estruturas mentais” dos agentes sociais e as estruturas objetivas (o “mundo dos objetos”) constituídas pelos mesmos agentes. As primeiras instituem o mundo inteligível, que só é inteligível porque pensado a partir das segundas. A reciprocidade da relação estabelece um movimento perpétuo, um sistema generativo autocondicionado - o *habitus* - que busca permanentemente se reequilibrar, que tende a se regenerar, a se reproduzir.

Este conjunto de conceitos, aliados a utilização de dados estatísticos e pesquisas de campo, é que vai orientar a explicação de como ocorrem as inter-relações entre os agentes e destes com as instituições existentes, bem como de que forma ocorre o estabelecimento dos discursos da autoridade no âmbito social.

Segundo Thiry-Cherques (*idem*), pode-se encontrar na análise bourdieusiana a existência de conceitos primários, que são o pano de fundo de todo o pensamento por este proposto, bem como de outros, tidos por secundários, que permitem o desenvolvimento de suas idéias principais, mas que nem por isso têm menos importância.

Um primeiro conceito, que se pode denominar como primário, é o de *habitus*, o qual não é uma novidade trazida por Bourdieu, sendo encontrado, pela primeira vez, no pensamento Greco - mais precisamente em Aristóteles - e que foi depois tratado por outros filósofos ao longo da história.

Ortiz (1983) enfatiza o que seria o *habitus* na teoria de Bourdieu com a seguinte passagem:

Enquanto Sartre, para a construção de uma teoria da prática, encontra a mediação entre sujeito e história no conceito de projeto, que sublinha a especificidade de uma ação colocada no tempo futuro, Bourdieu recupera a velha idéia escolástica de *habitus* que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado. Com efeito, a escolástica concebia o hábito como um *modus operandi*, ou seja, como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição criava-se, assim, certa conaturabilidade entre sujeito e objeto no sentido de que o âmbito se tornava uma segunda dimensão do homem, o que efetivamente assegurava a realização da ação considerada.

O *habitus* refere-se à maneira de perceber-se, julgar e valorizar o mundo, bem como ao modo como o agente comporta-se e age, sendo um modo próprio e particular de apresentar-se na realidade social.

Loïc Wacquant (2007) esclarece o significado de *habitus*:

Habitus é uma noção filosófica antiga, originária no pensamento de Aristóteles e na escolástica medieval, que foi recuperada e retrabalhada depois da década de 1960 pelo sociólogo Pierre Bourdieu para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que envia as abordagens subjetivistas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico, passando pela teoria da ação racional. A noção tem um papel central no esforço realizado durante uma vida inteira por Bourdieu [...] para construir uma “economia das práticas generalizada” capaz de subsumir a economia, historicizando e, por aí, pluralizando as categorias que esta última toma como invariantes (tais como interesse, capital, mercado e racionalidade) e especificando quer as condições sociais da emergência dos atores econômicos e sistemas de troca quer o modo concreto como estes se encontram, propulsionam ou contrariam uns aos outros.

O *habitus* pode ser decomposto em alguns elementos: o primeiro é o *ethos* que compreende os valores que regem a moral cotidiana, ou seja, engloba os princípios práticos reitores de nossas ações mais imediatas; o segundo é o *hêxis* que traduz os princípios interiorizados pelo corpo, ou seja, a postura, a forma de se exprimir corporalmente. Por fim, o *eidos* que significa um modo de específico de pensar, refletindo a forma que se apreende intelectualmente a realidade.

Referindo-se ao *habitus* Thiry-Cherques (2003, p.34) ensina que

Ele contém em si o conhecimento e o reconhecimento das /regras do jogo/ em um campo determinado. O *habitus* funciona como esquema de ação, de percepção, de reflexão. Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, “economiza” o cálculo e a reflexão. O *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Uma espécie de programa, no sentido da informática, que todos nós carregamos.

O *habitus* é relativamente autônomo: encontra-se entre o inconsciente-condicionado e o intencional-calculado. Não é destino: preserva uma margem de liberdade ao agente, não, certamente, a liberdade do sujeito sartriano, mas a liberdade conferida pelas regras dominantes no campo em que se insere. Ele contém as potencialidades objetivas, associadas à trajetória da existência social dos indivíduos, que tendem a se atualizar, isto é, são reversíveis e podem ser aprendidas.

Outro conceito fundamental é o de *campo*, que significa na teoria bourdieusiana a existência de um sistema de forças objetivas, um espaço onde os agentes nele inseridos encontram-se em uma situação de potencial conflito, a qual decorre das relações que, necessariamente, se estabelecem nesse espaço.

Bourdieu (1996) cuidando do campo artístico bem exemplifica esta relação de forças entre agentes e instituições.

Muitas das práticas e das representações dos artistas e dos escritores (por exemplo, sua ambivalência tanto em relação ao "povo" quanto em relação aos "burgueses") não se deixam explicar senão por referência ao campo do poder, no interior do qual o próprio campo literário (etc.) ocupa uma posição dominada. O campo do poder e o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente). Ele é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os "burgueses" do século XIX, tem por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas.

É importante perceber que o campo caracteriza-se por agentes que detêm o mesmo *habitus*, havendo aqui uma relação intrínseca entre a noção de *habitus* e de *campo*: sendo o primeiro a internalização da estrutura social, ou seja, das regras que devem ser observadas no campo, este último é, ao contrário, a exteriorização do *habitus*, sendo o espaço em que o agente coloca em evidência essas regras que foram previamente internalizadas. Em virtude do processo de diferenciação social, criam-se vários campos, onde cada um destes tem objeto e princípios próprios, daí se falar em "campo artístico", "campo educacional", "campo político", "campo estético", etc.

Em que pese esta diversidade de campos, existem elementos que são universais, aplicando-se a qualquer dos campos. Para Bourdieu além do *habitus* específico, em todo campo se faz presente uma *doxa*, que representa o senso comum, e o *nomos*, leis gerais que o governam, bem como um *capital* que reflete os interesses específicos do campo. É de assinalar-se que a noção de "capital" foi extraída do marxismo, mas na teoria de Bourdieu ela é estendida a outras formas de riqueza, não se resumindo ao aspecto econômico.

A *doxa* deve ser entendida como tudo aquilo que os agentes estão de acordo, não sendo questionável. Já o *nomos* abarca as leis gerais de funcionamento do campo, sendo que estabelecidos esses elementos, inicia-se um conflito entre os agentes que se encontram no campo, estando de um lado aqueles que detêm o capital específico do campo (argumento da autoridade), exercendo uma violência simbólica, e de outro aqueles que também têm a pretensão de dominar o campo.

No campo científico, a luta pelo monopólio da competência científica seria exemplo claro desse embate: os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição de ciência a que todos os demais devem se submeter, pois são os

possuidores do capital específico (científico) que domina esse campo.

Bourdieu (1983) ilustra este embate de forças que ocorre no interior de um campo, no caso o científico.

A luta pela autoridade científica, espécie particular de capital social que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser reconvertido em outras espécies de capital, deve o essencial de suas características ao fato de que os produtores tendem, quanta maior for a autonomia do campo, a só ter como possíveis clientes seus próprios concorrentes. Isto significa que, num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos ("reputação", "prestígio", "autoridade", "competência" etc.) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos. E também de direito: aquele que faz apelo a uma autoridade exterior ao campo só pode atrair sobre si o descrédito. Muito semelhante, sob este aspecto, a um campo artístico fortemente autônomo, o campo científico deve, entre outras coisas, sua especificidade ao fato de que os concorrentes não podem contentar-se em se distinguir de seus predecessores já reconhecidos. Eles são obrigados, sob pena de se tornarem ultrapassados e "desqualificados", a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera.

Essa imposição do que deve prevalecer em um determinado campo é o que Bourdieu denomina como "violência simbólica", isto é, uma dominação que é imposta pelos detentores do capital específico do campo em análise, gerando uma situação em que aquele sofre a violência contribui para a sua condição, pois a entende como legítima, correta. É o surgimento do argumento da autoridade, o qual se impõe pelo simples fato de ser reconhecido enquanto tal em um determinado segmento. É o mestre no campo da educação, o intelectual no campo científico, o crítico no campo da arte, o interprete reconhecido no campo jurídico.

Por fim, o conceito de "capital", que já foi anteriormente mencionado, refere-se aos interesses específicos de um campo; para Bourdieu além do capital econômico, poderia ser considerado o capital cultural (correspondendo ao conjunto de conhecimentos, informações, habilidades que são transmitidas pela família e pelas instâncias formais de educação); o capital social (redes de relacionamento e contatos) e o capital simbólico (prestígio, honra), sendo este último uma síntese dos demais. Essas formas de capital podem ser convertidas em outras e vice-versa, possuindo importância de acordo com o campo específico que esteja sendo analisado.

O MÉTODO DE ANÁLISE BOURDIEUSIANO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Obtida esta visão prévia sobre os conceitos mais relevantes desenvolvidos por Bourdieu, chegou o momento de se discutir e compreender a sua forma de investigar.

Como já dito Bourdieu não conseguia desvencilhar teoria e prática, pois não acreditava que o seu método pudesse ser estudado de forma separada da pesquisa em que era empregado; assim, este consistia em estudar um determinado campo, tendo como referência um conjunto de conceitos já previamente elaborados (*habitus*, campo, capital, *doxa*, *nomos* etc.), e busca estabelecer, no interior do campo, as posições que eram ocupadas pelos agentes e as relações que eram estabelecidas entre estes e as instituições sociais.

Para Thiry-Cherques (2003):

Bourdieu segue, em linhas gerais, o protocolo de investigação estruturalista, mas tem como fundamento epistemológico o “materialismo racional” de Bachelard (1990), que preconiza a elaboração prévia do modelo teórico das “estruturas *noumenais*” (*noumeno* sendo a intuição intelectual, pura ou derivada da sensibilidade, o pensamento pensado, por oposição ao fenômeno, o manifesto) e a experimentação como realização ou atualização do fenômeno. Propõe um percurso epistemológico que vai “do racional ao real” e não do “real ao geral”. Entende que o real é racionalizado como atualização de uma teoria.

Bourdieu denominava a sua obra de “estruturalismo construtivista”, pois defendia que apesar da existência de estruturas objetivas que coagem a ação e a representação dos indivíduos, percebia que essas eram construídas socialmente, em uma relação em que o agente tanto é condicionado pela estrutura, quanto a condiciona: “os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhe escapam” (BOURDIEU, 2004, p. 21)

Sobre o estruturalismo construtivista, Bourdieu (*idem*, p.149) definia-o da seguinte maneira:

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos [...], estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, os quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais.

Existem etapas claras que eram seguidas por Bourdieu na aplicação de seu método.

A primeira era a delimitação do campo, momento em que se apresentava um problema bastante debatido por Bourdieu, por ele denominado de “*habitus* sociológico”, ou seja, as predisposições do pesquisador e de que forma influem no objeto de pesquisa. Bourdieu afirmava que todo o conhecimento é condicionado pelo *habitus*, propondo, então, que o pesquisador deve realizar um exercício de auto-elucidação do

que se propõe a pesquisar, no escopo de ficar ciente das suas vulnerabilidades, dos seus preconceitos e dos prejuízos que daí podem advir.

O segundo passo é analisar os agentes e instituições que são objeto de estudo na estrutura do campo, buscando identificar as posições que ocupam e decompondo todas as ocorrências significativas que caracterizam este sistema de posições (*doxa*, *nomos*, etc.).

Em um terceiro momento, volta sua atenção para o *habitus* dos agentes, bem como para as relações objetivas que se estabelecem entre as posições no campo, ou seja, qual a lógica que rege estes agentes, quais são os interesses que os movem e fazem-nos atuar de determinada maneira.

Por fim, o pesquisador deve estabelecer a problemática geral que domina aquele determinado campo e passa então a investigá-la, propondo uma hipótese, a qual será objeto de questionamento, podendo ser confirmada ou rejeitada empiricamente, demonstrando que Bourdieu parece seguir o método hipotético-dedutivo, proposto por Karl Popper, para quem “o velho ideal científico da *episteme* - do conhecimento absolutamente certo, demonstrável - provou ser um ídolo. A exigência da objetividade científica torna inevitável que todo enunciado científico permaneça provisório pra sempre. (POPPER, 1975, § 85, p.383). Em Popper, o conhecimento não é a procura da certeza, pois errar é humano, mas o ser humano deve lutar contra o erro, a incerteza, ainda que não se possa saber se, mesmo assim, não se esteja cometendo um erro.

Araújo (2010, p. 60) cuidando do método hipotético - dedutivo, no entanto ressalta:

Uma teoria corroborada não é, entretanto, uma teoria verdadeira. Popper prefere reservar verdade e falsidade para a relação lógica entre enunciados, independentemente das ocorrências empíricas. Um enunciado só é tido como corroborado em relação a um sistema de enunciados básicos aceitos até determinado momento.

O método de abordagem de Bourdieu parece ajustar-se ao método hipotético-dedutivo de Popper, pois formula uma hipótese ao problema, passando então a colocá-la à prova, no intuito de falseá-la, de refutá-la, pois uma teoria só pode ser denominada de científica se for possível refutar os seus enunciados.

E é na prática que Bourdieu coloca a sua hipótese em teste, por exemplo, o sistema escolar foi uma preocupação constante desde a década de 1960, colocando nas obras *Os herdeiros* e *A reprodução* as questões centrais, de seu pensamento, sobre o campo educação e o papel da escola. Após afirmar que o sistema escolar contribui para reforçar a diferença preexistente - ao promover valores que, muitas vezes, não são os mesmos promovidos pela família, em virtude de capitais culturais diversos -, tal fato acabou por gerar sérios debates na França sobre o modelo pedagógico até então adotado.

Como método específico de pesquisa, desde sua migração para a etnologia, o método etnográfico. Esse método segundo Rocha e Eckert (1998):

Como método específico de pesquisa, desde sua migração para a etnologia, o método etnográfico. Esse método segundo Rocha e Eckert (1998):

Uma teoria corroborada não é, entretanto, uma teoria verdadeira. Popper prefere reservar verdade e falsidade para a relação lógica entre enunciados, independentemente das ocorrências empíricas. Um enunciado só é tido como corroborado em relação a um sistema de enunciados básicos aceitos até determinado momento. Aponta para uma ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização, onde os temas da interpretação e da crise da identidade pessoal do antropólogo despontam como centrais. Guardadas as divergências teórico-analíticas, trata-se de toda uma geração de antropólogos que priorizaram o ponto de vista do "outro" compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados construído nas tensões entre identidade/alteridade de ambos.

O desenvolvimento de seu conjunto teórico buscou aliar teoria e prática, no intuito de melhor compreender o objeto de pesquisa, pois para Bourdieu (1998, p.24) "com efeito, as opções técnicas mais 'empíricas' são inseparáveis das opções mais 'teóricas' de construção do objeto".

Como técnica de pesquisa, o autor fez amplo uso da entrevista, notadamente, nas modalidades história de vida, aberta e semi-estruturada, o que lhe propiciou os dados subjetivos necessários para suas pesquisas.

Por fim, para Bourdieu, o campo jurídico, como todos os demais, é dominado por lutas internas, divergências, no afã de se definir a quem pertence o argumento da autoridade, ou seja, quem exerce a violência simbólica e quem sofre com essa.

Tratando do texto jurídico Bourdieu (1989, p. 214) sustentou que:

Como no texto religioso, filosófico ou literário, no texto jurídico estão em jogo lutas, pois a leitura é uma maneira de apropriação da força simbólica que nele se encontra em estado potencial. Mas, por mais que os juristas possam opor-se a respeito de textos cujo sentido nunca se impõe de maneira absolutamente imperativa, eles permanecem inseridos num corpo fortemente integrado de instâncias hierarquizadas que estão à altura de resolver os conflitos entre os intérpretes e as interpretações.

Logo o método proposto por Bourdieu e as suas categorias de análise, que foram, sucintamente, tratadas neste artigo, servem à compreensão do direito, do campo jurídico, o qual é, por excelência, o *locus* do conflito, da litigiosidade. O Direito tem por missão solucionar problemas práticos e tomar decisões sobre disputas; como lembra Ferraz Júnior (2011, p. 02), pode-se inferir que "o Direito não é um empreendimento que se reduz facilmente a conceituações lógicas e racionalmente sistematizadas".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estes breves apontamentos sobre o método de Pierre Bourdieu, nos quais se analisaram alguns aspectos de sua obra, resta claro que a leitura bourdieusiana é atual e fornece subsídios importantes para a compreensão do mundo social.

O método aqui analisado aplica-se as várias esferas em que se desenvolve a sociedade, tendo sido o seu mérito criar novas categorias e conceitos que permitiram uma explicação mais racional da sociedade. A sociologia de sua época, presa a um estruturalismo de modelo (Lévi-Strauss, Lacan, Barthes, Althusser, etc.), defendia que a estrutura era decorrência da existência de regras que regiam, conforme Araújo (2008, p.128), “as modificações e as configurações dos elementos de um sistema”. Bourdieu rompe com esta tradição (o estruturalismo) e traz o homem pra dentro da estrutura, formulando o que ele mesmo denominou como um “estruturalismo construtivista”, criando conceitos como *habitus*, *campo*, *capital*, *violência simbólica*, etc. que revolucionaram não só o estruturalismo, mas a maneira de se refletir sociologicamente.

O Direito, sendo um campo como qualquer outro, como o educacional, o científico, o artístico, o político, etc. tornou-se objeto de estudo de Bourdieu e *locus* de aplicação de seu método, buscando compreender como se estabelecem as relações de força e poder dentro dele campo, quais os argumentos da autoridade, quais os papéis ocupados pelos agentes, seus *habitus*, etc.

O método de Bourdieu ao juntar teoria e prática, ao discutir o papel do sociólogo e a influência de seu *habitus* para a pesquisa, ao apresentar novos parâmetros para a investigação social, formulando, assim, uma nova teoria. Essa que, por sua vez, aliada aos fatos que marcaram a vida do autor na defesa da sociologia como um esporte de combate e de sua intensa militância política, na década de 1990, demonstram que Bourdieu muito contribuiu e ainda muito contribuirá para o desenvolvimento das Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNAMO, Nicola. Estruturalismo. In: ABBAGNAMO, Nicola **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.373-378.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2010.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 189-217

BOURDIEU, Pierre. **Contrafuegos: Reflexiones para servir a la resistencia contra la invasion neoliberal**. Tradução de Joaquín Jorda. Barcelona: Editorial anagrama, 1999.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Esboço de auto-análise**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- _____. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia da letras, 1996.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006
- FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. **Introdução ao estudo do direito: técnica, decisão, dominação.** 6. Ed. São Paulo, Atlas, 2011.
- LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 97, junho. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7104/4134>>. Acesso em: 10 setembro 2011.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Como nasce um etnógrafo.** In: Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LOPES, José Sérgio Leite. Articulações inovadoras entre ciência e política. **Cult**, São Paulo, n. 128, 2008. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/articulacoes-inovadoras-entre-ciencia-e-politica/>>. Acesso em: 10 setembro 2011.
- NEGRI, Antonio. Resistir à transcendência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25.02.1996, Autores, p. 21.
- ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu.** São Paulo: Ática, 1983
- POPPER, K.R. **A lógica d investigação científica.** Col "Os pensadores". São Paulo: Ática, 1975.
- PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.
- Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 41, n. 2, 1998 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477011998000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Sept. 2011.
- SOUSA, Jesus Maria. *O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural.* in **Revista de Psicologia Social e Institucional.** Londrina, v. 2, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n16.htm>>. Acesso em: 10 setembro de 2011.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP.** Rio de Janeiro. v. 40, n.1, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em: 10 setembro 2011.
- WACQUANT, Löic. Esclarecer o Habitus. **Educação & Linguagem**, São Paulo, n. 16, p. 63-71, jul/dez. 2007
- _____. O legado sociológico de Pierre Bourdieu. **Revista de Sociologia Política, Curitiba**, 19, p. 95-110, nov. 2002.

Recebido em 12.11.2011

Aprovado em 15.02.2012